



VEREDAS

Revista de Estudos Linguísticos

Programa de Pós-Graduação em Linguística – UFJF



Unidades linguístico-textuais e finalidades sociocomunicativas em cartas de leitores de jornais paulistas do século XIX*

Alessandra Regina Guerra**

RESUMO: Este trabalho insere-se na Gramática Textual-Interativa e tem o objetivo de analisar a organização tópica de cartas de leitores de jornais paulistas do século XIX, descrevendo os níveis intra e intertópico e as finalidades comunicativas das cartas. A esse respeito, o artigo corrobora estudos anteriores segundo os quais as cartas preveem as unidades intratópicas de Abertura, Explicação, Avaliação e Interpelação. Além disso, o trabalho apresenta dados quantitativos sobre a ocorrência dessas unidades e demonstra que o nível intertópico caracteriza-se pelo traço da unicidade intertópica. Os dados indicam ainda a existência de três tipos distintos de finalidades comunicativas: manifestação de opinião; sugestão de ação; solicitação de resolução de problema.

Palavras-chave: Organização Tópica; Processos de Construção Textual; Carta de Leitor.

Introdução

Desde fins da década de 1990, vem sendo desenvolvido, no estado de São Paulo, um projeto coletivo de pesquisa intitulado “Projeto de História do Português Paulista” (PHPP; cf. CASTILHO, 1998). Esse projeto compreende estudos diacrônicos de diferentes aspectos linguísticos do português paulista. Um dos temas estudados nesse projeto é a diacronia de processos de construção textual.

No âmbito desse tema de estudo, Guerra e Penhavel (2010) apresentam uma análise do processo de organização tópica (um processo de construção textual), em cartas de leitores de jornais paulistas do século XIX. No presente artigo, procuramos dar continuidade aos trabalhos dos autores, apresentando um conjunto de dados mais detalhados, do que o fornecido por esses trabalhos, sobre a organização tópica das cartas de leitores de jornais paulistas oitocentistas. Desse modo, procuramos contribuir para uma descrição das cartas oitocentistas que seja mais completa e que possibilite comparações diacrônicas dessas cartas com cartas de leitores de outros períodos.

Em termos mais específicos, neste artigo iremos descrever a organização tópica de cartas de leitores de jornais paulistas oitocentistas focalizando: (i) o processo de organização intertópica; (ii) o processo de organização intratópica; e (iii) a finalidade sociocomunicativa das cartas, tendo em vista que, no PHPP, os estudos sobre processos textuais assumem o pressuposto de que o funcionamento desses processos está diretamente ligado à finalidade dos gêneros textuais em que esses processos ocorrem.

* O presente artigo é uma versão revisada de um trabalho nosso anterior, não publicado, intitulado "Unidades textuais em cartas de leitores de jornais paulistas do século XIX." (GUERRA, 2016).

** Doutora em Estudos Linguísticos - Universidade Estadual Paulista – UNESP – São José do Rio Preto.

E-mail: alessandrareginaguerra@yahoo.com.br.

Assim, o presente trabalho encontra-se organizado da seguinte forma: na seção 1, é apresentada uma síntese do quadro teórico aqui adotado; em 2, segue um resumo dos trabalhos de Guerra e Penhavel (2010) sobre cartas de leitores oitocentistas; a seção 3 contém propriamente nossa descrição mais específica sobre as cartas em foco; por fim, a última seção traz as conclusões do trabalho.

1. A Gramática Textual-Interativa e o processo de organização tópica

O presente trabalho, assim como os demais estudos sobre processos de construção textual desenvolvidos no interior do PHPP, adota o quadro teórico-metodológico da Gramática Textual-Interativa (JUBRAN; KOCH, 2006; JUBRAN, 2007). Essa abordagem, que é uma vertente da Linguística Textual, está fundamentada na concepção de que a linguagem verbal constitui uma forma de interação social, uma forma de ação verbal, pela qual os interlocutores realizam tarefas comunicativas de troca de representações, executam metas, manipulam interesses, no contexto de um espaço discursivo sempre orientado para os parceiros da comunicação, isto é, num contexto que engloba o modo como os interlocutores se situam reciprocamente, em função de suas representações mútuas sobre papéis sociais e discursivos, conhecimento partilhado de mundo, atitudes, propósitos e reações assumidas no intercâmbio comunicativo (JUBRAN, 2007).

No âmbito dessa concepção de linguagem, um primeiro princípio teórico-metodológico norteador da abordagem, conforme explica Jubran (2007), é o de que os fatos nela considerados têm suas propriedades e funções definidas no uso, nas situações concretas de interlocução, envolvendo as circunstâncias enunciativas. Em outras palavras, trata-se de considerar que os fatores contextuais são determinantes no funcionamento dos fenômenos textual-interativos.

Outro princípio essencial da Gramática Textual-Interativa (GTI) é o de que os fatores interacionais são constitutivos do texto e inerentes à expressão linguística. Os aspectos interacionais da comunicação manifestam-se na superfície do texto, o que contribui para a identificação de regularidades do processo de construção do texto. A esse respeito, Jubran (2007, p. 315-316) diz o seguinte:

[...] os dados pragmáticos não são vistos como moldura dentro da qual se processa o intercâmbio linguístico, ou como camada de enunciação que envolve os enunciados. As condições enunciativas que sustentam a ação verbal mostram-se no texto, por meio das próprias escolhas comunicativamente adequadas à situação interativa [...]. Enquanto realização efetiva da atividade interacional, o texto emerge de um jogo de atuação comunicativa, que se projeta na sua construção, constituindo-se como o lugar de identificação de pistas indicadoras de regularidades de um sistema de desempenho verbal. Postular um sistema dessa natureza implica negar recortes dicotômicos como língua/fala, competência/desempenho, a fim de direcionar o enfoque de pesquisas gramaticais não apenas para regularidades estritamente estruturais, como também para princípios que governam a atividade verbal, de acordo com fatores condicionantes de várias naturezas, responsáveis pelo caráter determinístico (restrições) ou probabilístico (escolhas facultadas ao falante) das expressões produzidas na fala. Admite-se, assim, a sistematicidade da atividade discursiva, definível por regularidades/princípios de processamento de estruturas textuais.

Com base principalmente nesses conceitos e princípios, a GTI assume, então, o texto como objeto de estudo, especializando-se no estudo de processos de construção textual. A abordagem delimita o estudo dos processos de organização tópica, referenciação,

parentetização, parafraseamento, repetição e correção, investigando, ainda, um conjunto específico de expressões linguísticas caracterizadas pela função de gerenciamento textual-interativo desses processos de construção textual (os marcadores discursivos).

O processo de organização tópica, abordado no presente trabalho, pode ser entendido, em termos gerais, como a organização temática de um texto, como a organização de um texto em temas e subtemas. Nesse sentido, o termo *tópico* (ou *tópico discursivo*) pode ser compreendido como *tema*, mais precisamente, como o tema construído pelos interlocutores em determinado ponto do texto.¹

Especificamente, a organização tópica pode ser definida como o processo de organização do texto mediante a construção e articulação linear e hierárquica de grupos de enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de conjuntos de referentes concernentes entre si e em relevância em determinados pontos do texto (cf. JUBRAN, 2006).

A organização tópica é caracterizada por duas propriedades: a centração e a organicidade. A centração consiste na construção de grupos de enunciados concernentes entre si e em relevância em certos pontos do texto; assim, essa propriedade é marcada pelos traços de concernência, relevância e pontualização. A organicidade consiste na instauração de relações entre esses grupos de enunciados, o que compreende relações hierárquicas (que são relações de superordenação e subordenação entre grupos de enunciados, relativamente ao grau de abrangência temática de cada grupo) e relações lineares (isto é, relações de sequenciamento entre grupos de enunciados, na linearidade textual).

Cada grupo de enunciados concernentes entre si e em relevância num ponto do texto constitui um Segmento Tópico (SegT). Em outras palavras, um SegT é um trecho do texto que manifesta a propriedade da centração tópica. Também se pode dizer que um SegT é um trecho do texto que desenvolve um determinado tópico discursivo. Os menores SegTs de um texto são chamados de “SegTs mínimos”.

A partir daí, são distinguidos dois níveis de organização tópica. Um primeiro nível, chamado de “organização intertópica”, consiste nas relações *entre* SegTs mínimos, o que compreende as relações hierárquicas e lineares entre essas unidades. O outro nível, chamado de “organização intratópica”, consiste na estruturação *interna* de SegTs mínimos, isto é, na combinação entre (grupos de) enunciados dentro do SegT mínimo.

Guerra e Penhavel (2010) analisam cartas de leitores de jornais paulistas oitocentistas focalizando o nível da organização intratópica. Na próxima seção, sintetizamos a análise dos autores e, na seção seguinte, desenvolvemos nossa análise, que procura complementar a análise da organização intratópica, acrescentando dados também sobre a organização intertópica.

2. A regra de estruturação intratópica de cartas de leitores oitocentistas

Penhavel (2010), com base em uma análise minuciosa da estruturação interna de SegTs mínimos de textos do gênero relato de opinião, formula a hipótese de que a estruturação interna de SegTs mínimos constituiria um processo sistemático. A hipótese do autor é que os SegTs mínimos de textos de um mesmo gênero textual seguiriam uma mesma

¹ A esse respeito, é necessário esclarecer que, embora a aproximação entre as noções de *tópico* e *tema* seja elucidativa, o *tópico* não se reduz simplesmente à noção de *tema*, usada na linguagem popular. Como mencionado, o *tópico* seria o *tema interacionalmente construído* pelos interlocutores no texto, num contexto específico e concreto de interlocução verbal, não se resumindo, simplesmente, a um tema, ou assunto, pré-definido, estabelecido anteriormente à situação de interação verbal.

regra geral de estruturação interna, isto é, cada gênero textual manifestaria uma regra geral de estruturação intratópica.

Guerra e Penhavel (2010) investigam essa hipótese, analisando cartas de leitores de jornais paulistas do século XIX, e concluem que, de fato, os SegTs mínimos dessas cartas seguem uma regra geral de estruturação intratópica, a qual, segundo eles, está diretamente ligada à finalidade sociocomunicativa característica dessas cartas.²

De acordo com os autores, as cartas de leitores de jornais paulistas oitocentistas caracterizam-se pela finalidade de discorrer sobre determinada situação, exposta como um problema, e reivindicar, implícita ou explicitamente, que alguma medida seja tomada no que se refere a tal situação. Para eles, vinculando-se, então, a essa finalidade central, os SegTs manifestam uma unidade tópica que envolve a construção de uma situação-problema, unidade denominada de “Discussão”, podendo apresentar, ainda, normalmente na sequência, outra unidade especificamente dedicada a reivindicar algo sobre essa situação, unidade chamada de “Interpelação”. A unidade de Discussão pode apresentar até três subunidades constituintes, discriminadas pelos autores como “Abertura”, “Explicação” e “Avaliação”.

Conforme explicam os autores, em todos os casos analisados por eles, os SegTs organizam-se internamente mediante alguma combinação dessas quatro unidades (Abertura, Explicação, Avaliação e Interpelação), podendo ocorrer, em um SegT, todas essas unidades ou algumas delas. Além disso, na maioria dos casos, essas unidades, conforme ocorram, seguem uma mesma ordenação sequencial, isto é, primeiro a Abertura, depois a Explicação, depois a Avaliação e, por fim, a Interpelação. Esse padrão de construção de SegTs, que envolve o uso potencial dessas quatro unidades, nessa ordem sequencial, é, então, considerado pelos autores como uma regra geral de estruturação intratópica.

A unidade de Abertura é uma unidade inicial do SegT mínimo, especificamente dedicada a anunciar o tópico que será desenvolvido no restante do SegT. A Explicação manifesta-se quando há uma parte do SegT com a função de relatar determinado estado de coisas referente ao tópico em pauta, isto com a função de expor uma dada situação. A Avaliação, por sua vez, é uma parte do SegT destinada a uma análise crítica da situação exposta, o que normalmente compreende uma qualificação negativa da situação em foco. Por fim, a Interpelação é uma unidade final do SegT, em que o escrevente dirige a um sujeito ou a uma instituição algum tipo de solicitação referente à situação em pauta no SegT.

O SegT mínimo em (1), que corresponde a uma carta inteira, ilustra as quatro unidades em questão:

² A descrição mais detalhada da regra geral de estruturação intratópica de cartas de leitores de jornais paulistas oitocentistas é desenvolvida em Guerra e Penhavel (2010). Em trabalho posterior, Penhavel e Guerra (2013) mantêm, em linhas gerais, a constatação da mesma regra, efetuando, porém, uma ligeira alteração na regra inicialmente proposta. Nesta seção, sintetizamos a regra geral proposta pelos autores, considerando a reformulação proposta no segundo trabalho.

- (1) Senhor redactor. || Sou uma assignante das suas folhas por minha con- | veniencia e das 1
 meninas, que gostão de ler os romances [...] Mas para o negocio é que elle não anda cá a 2
 minha satisfação. || 3
- Eu e as meninas vivemos das obras que fazemos e | dos ovos da nossa criação. || O senhor 4
 bota sempre nos jornaes os preços dos co- | mestiveis e etc; mas não falla do preço das 5
 costuras, | nem do valor dos ovos. 6
- Isso é uma falta, perdoe-me. || Olhe, se não se costurasse, andavamos nós. Cre- | do, que 7
 vergonha! Não acha? || E os ovos são muito peitoraes. Se em vez do expe- | diente do 8
 thesouro vossa mercê pozesse o custo destas cousas, | olhe que havia de ter mais 9
 assignantes. || A tia Escolastica prometteu-me que assignava se no | Correio fallasse dos 10
 preços da quitanda. || A pobre tem dias que não sabe quanto hade pedir | por uma couve! 11
- Vossa mercê veja se introduz este melhora- | mento [...] (BARBOSA; LOPES, 2006 – 12
 Carta 474).

Nesse SegT, o trecho entre as linhas 1 e 3 constitui uma unidade de Abertura. Aí, a escrevente introduz o tópico, sua insatisfação com o tratamento dado pelo jornal aos negócios (“Mas para o negocio é que elle não anda cá a minha satisfação”). As linhas de 4 a 6 constituem uma unidade de Explicação, em que a escrevente relata uma situação, no caso, o fato de o jornal não anunciar os preços de certos produtos (“mas não falla do preço das costuras, nem do valor dos ovos”). Na sequência, entre as linhas 7 e 11, ocorre uma unidade de Avaliação, em que a escrevente avalia (negativamente) o fato relatado, o que fica claro, por exemplo, pelos primeiros enunciados desse trecho (“Isso é uma falta, perdoe-me”). Por fim, na linha 12, o SegT é concluído com uma unidade de Interpelação, em que a escrevente dirige ao redator do jornal uma solicitação referente à situação discutida no SegT (“Vossa mercê veja se introduz este melhora- | mento”).

O exemplo em (2) ilustra outro SegT das cartas oitocentistas (nesse caso, o SegT apresenta as unidades de Abertura, Explicação e Avaliação, não contendo a unidade de Interpelação):

- (2) E’ DE ADMIRAR ! || 1
- Não posso deixar de levar ao conheci- | mento do povo honesto e principalemnte | do 2
 commercio da capital, o procedimento | pouco cavalheiro de um *importante ne- | gociante* 3
 atacadista desta praça - o *senhor* José | de Souza Macedo. || 4
- O abaixo assignado há muito tempo que | occupava um predio de propriedade do di- | to 5
 negociante em quem depositava toda | confiança; e o mesmo abusando-a, exigiu- | me 6
 ultimamente uma contribuição de | 300\$000 para despezas feitas na casa, o | que paguei 7
 e da qual nem ao meus exigi | recibo, comtudo isso não tem negado. || Mas, quando fiz tal 8
 pagamento, alleguei | que tinha de mudar-me d’aquelle predio | e combinamos por eu o 9
 sublocar para mi- | nha couda: entretanto logo depois disse- | me elle que já estava 10
 compromettido com | alguem sobre a dita casa, mas que me re- | punha os 300\$000, cujas 11
 palavras foram ou- | vidas por pessoas dignas desta capital. || Parece incrível ! - o illustre 12
 cidadão aca- | ba de exigir-me a casa, negando vergo- | nhosamente aquillo que disse, sem 13
 presar | a sua palavra de negociante abastado co- | mo o diz ser. || 14
- Não faz mal, perco so 300\$000, e não obs- | tante ser elle rico, julgo precisar mais que | eu 15
 que sou um modesto ganhador de pão | para minha familia. || Faz-me lembrar com isto, os 16
 tempos em | que o doutor Antonio Bento, fel-o pôr a | calva á mostra por questão de uns cor- 17
 | dões de ouro pertencentes a um d’aquelles por quem o illustre abolicionista prestou | 18

relevantes serviços. || E' de admirar que um homem que pro- | pala tanta grandeza e tanta 19
 reputação | commercial, (o que não deixo de reconhe- | cer), deixe por uma quantia 20
 insignificante | manchar o seu nome perante aquelles que | presencearam este procedimento, 21
 e em | geral á todos os que o conhecem. || Faça pois, bom proveito com aquella | quantia, 22
 que faço de conta ter feito doação | a um Azyo ou a algum necessitado. || 23

São Paulo, 21 de Julho de 1893. || JOAQUIM JOSÉ DE MACEDO JUNIOR (BARBOSA; LOPES, 24
 2006 – Carta 523).

Nesse caso, as linhas de 2 a 4 formam uma unidade de Abertura, em que o escrevente anuncia que irá abordar o procedimento de determinado comerciante da cidade. Na sequência, as linhas entre 5 e 14 constituem uma Explicação, em que é relatado o procedimento do comerciante, que não teria cumprido com certo acordo de negócios estabelecido com o escrevente. Por fim, as linhas de 15 a 23 são uma unidade de Avaliação, que contém uma qualificação negativa que o escrevente elabora sobre o procedimento do negociante.

A título de ilustração, em (3) segue mais um SegT, contendo, desta vez, as unidades de Explicação, Avaliação e Interpelação:

- (3) Senhor Redactor. || Está *um bexiguento na populosa rua da Quitanda* que | se mudou de *uma*1
casa de sobrado. || E' *captivo de homem rico*, podia ir para *uma cha-* | *cara*, e não se largar2
 ali em *um quarto*, em *uma rua tão* | *caminhada*. 3

Eu senhor Redactor já fui vacinada, e muito | vacinada, não pelas *vacinas de agora*, que4
 negão fogo, | mas pelas *do tempo do Horta*: não é por mim que re- | clamo, por ir fazer5
 compras *nessa rua* para os meus es- | tudantes, que não relaxão a mimosa manteiga da casa |6
 do senhor Miguel, e vinagre também; mas como me acom- | panha sempre *uma pequenina*.7
 que me carrega o balai- | nho, 8

peço que vejam isso, a bem *das nossas leis*, e *inde-* | *pendencia da nossa constituição*, e *pacto*9
fundamental, | que os ditos meus estudantes tanto fallão quando estão | fazendo o quilo. || 10

MIQUELINA DO AMOR DIVINO (BARBOSA; LOPES, 2006 – Carta 456). 11

Nesse caso, na Explicação (linhas de 1 a 3), a escrevente relata o fato de um sujeito enfermo (“um bexiguento”) estar morando num lugar muito movimentado da cidade, na Avaliação (linhas de 4 a 8), argumenta que essa situação constitui um problema e, na Interpelação (linhas 9 e 10), ela solicita que alguma providência seja tomada sobre tal situação.

Em síntese, Guerra e Penhavel (2010) identificam que a estruturação interna de SegTs mínimos de cartas de leitores de jornais paulistas oitocentistas, em todos os casos por eles analisados, consiste em alguma combinação das unidades de Abertura, Explicação, Avaliação e Interpelação – os autores observam que podem ocorrer no SegT as quatro unidades, três, duas ou uma delas, com a condição de que pelo menos Explicação ou Avaliação devam ocorrer necessariamente.³ Ainda constata os autores que, conforme ocorrem, essas unidades obedecem a uma mesma ordem sequencial na grande maioria dos casos. Esse padrão de estruturação é, então, o que é proposto como a regra geral de estruturação intratópica das cartas de leitores de jornais paulistas oitocentistas.

³ Cabe destacar que, de acordo com essa regra (como prevê a condição de que, em qualquer SegT, pelo menos Explicação ou Avaliação esteja presente), só são possíveis SegTs contendo uma única unidade no caso de SegTs formados apenas por Explicação ou apenas por Avaliação – de acordo com a regra proposta, não é possível SegT formado unicamente por Abertura ou apenas por Interpelação.

3. Dados específicos sobre a organização tópica de cartas de leitores oitocentistas

Como definido acima, no presente trabalho procuramos especificar a análise da organização tópica de cartas de leitores de jornais paulistas oitocentistas apresentada em Guerra e Penhavel (2010). Assim como os autores, em nossa pesquisa analisamos cartas de leitores extraídas de Barbosa e Lopes (2006), coletânea que reúne cartas de leitores e cartas de redatores de jornais de seis estados brasileiros (incluindo o estado de São Paulo), publicadas no século XIX.

Analisamos em nossa pesquisa o total de 46 cartas de leitores paulistas (73% do total de 63 cartas de leitores paulistas fornecidas por Barbosa e Lopes (2006)), procurando contemplar cartas de diferentes extensões, estilos e conteúdos, de modo a tornar nossa seleção de cartas satisfatoriamente representativa da diversidade de cartas fornecidas por estes autores. Essa seleção de cartas resultou no total de 54 SegTs mínimos, número que se mostrou suficiente para a apreensão de regularidades no processo de organização tópica das cartas em foco.

Para propiciar o aprofundamento aqui proposto da análise das cartas de leitores oitocentistas, apresentamos e discutimos, nas seções seguintes, dados sobre a organização intertópica das cartas (seção 3.1), dados sobre a organização intratópica (seção 3.2) e dados referentes às finalidades sociocomunicativas das cartas (seção 3.3).

3.1 Dados sobre a organização intertópica

No que diz respeito à organização intertópica, seguimos aqui o mesmo entendimento considerado em Garcia (2018), segundo o qual textos (de um mesmo gênero textual ou de gêneros diferentes ou, ainda, de diferentes períodos históricos de um dado gênero) podem se diferenciar uns dos outros (i) em relação à presença ou ausência de complexidade intertópica e, em havendo complexidade intertópica, (ii) em relação ao grau dessa complexidade.

No primeiro caso, a diferença consiste no fato de o texto apresentar apenas um SegT mínimo (ausência de complexidade intertópica) ou apresentar mais de um SegT mínimo (presença de complexidade).

Quando textos manifestam complexidade intertópica (apresentando mais de um tópico discursivo e, assim, mais de um SegT mínimo), é possível identificar, entre eles, diferenças quanto ao grau dessa complexidade, a qual pode variar entre um grau de complexidade mais baixo, quando o texto apresenta poucos tópicos (por exemplo, dois ou três), até um grau alto de complexidade, no caso de um texto que apresente inúmeros tópicos discursivos.

Neste último caso (textos com inúmeros tópicos), podem ainda ser notadas diferenças entre um texto e outro quanto ao grau de profundidade da organicidade hierárquica e quanto à complexidade da organicidade linear. No caso da organicidade hierárquica, o texto pode ter, por exemplo, apenas um Supertópico e vários Subtópicos equipolentes entre si, todos subordinados a esse mesmo Supertópico, ou pode ter vários níveis de hierarquia entre Supertópicos e Subtópicos. No caso da organicidade linear, os vários tópicos de um texto podem ser sequenciados apenas (ou predominantemente) pela estratégia de continuidade ou podem ser encadeados mediante estratégias de continuidade intercaladas com diversas estratégias de descontinuidade tópica.

No presente trabalho, as cartas de leitores oitocentistas foram, então, analisadas quanto à existência e ao grau de complexidade intertópica. A esse respeito, no *corpus* considerado, 89% das cartas (41 cartas do total de 46 analisadas) apresentam apenas um tópico discursivo (e, assim, apenas um SegT mínimo), enquanto 11% (5 cartas) manifestam dois ou mais

tópicos. Todas as cartas analisadas no decorrer deste artigo apresentam, cada uma, um único tópico, e podem, assim, exemplificar esse caso. Em (4) segue uma carta com mais de um tópico:

- (4) *Senhor Redactor* – Como em o seu *número 97* | de hoje me offerece ocasião de desabafo | 1
 contra a Camara d’esta Cidade a quem | incumbe a sua policia quero desabafar meu | 2
 censibilizado coração, contando-lhe um | caso horroroso, accoitecido á tres dias em | uma 3
 rua publica d’esta Cidade. Um po- | bre môço carreiro de 10 a 12 annos que | servia de 4
 arrimo a sua desgraçada familia, | tendo marchado 3 ou 4 leguas por entre | máos caminhos, 5
 chegou sem perigo | até as portas da Cidade; na continuação po- | rém da rua da Esperança 6
 quasi defronte | á casa do Conego Leão (sendo a rua prin- | cipal e unica para a entrada de 7
 todos os | carreiros & que vem de *Sancto Amaro*) em | um lamaçal tremendo que alli existe 8
 ato- | la-se o carro, perde o equilibrio, e queren- | do o infeliz encostar a lenha ficou 9
 espedaçado | debaixo do peso enorme; e no mais lamentavel | estado hontem deu-se á 10
 sepultura, deixan- | do sua familia desolada, e sem este arrimo. | Bem poucas vezes se tem 11
 visto scena tão | tocante!!! E sera crível que as ruas da | Cidade sejam peiores que esses 12
 abandona- | dos caminhos ? ... E sera crível que o po- | vo sobrecarregado de tributos soffra 13
 tantas | penalidades pelas estradas, e venha encon- | trar a morte nas ruas de *São Paulo* pelo | 14
 desleixo e pouco caso de sua Camara mu- | nicipal?... *Vossa mercê Senhor Redactor* nos dá 15
 pou- | ca esperança de que as coisas melhorem [...] 16

Outro desabafo, *Senhor Redactor*. Se *Vossa mercê* | se queixa dos magotes d’egoas, que 17
 seus | donos tem posto nas Praças d’esta Cidade | á pesca de bons pastores, não é tambem | 18
 digno de censura que se queira formar fa- | zendas de gado vaccum dentro da Cidade; | é se 19
 veja porção enorme, mendigando pas- | to, é procurando entrar por qualquer quin- | tal a 20
 devorar tudo que encontrão! Sei de | pessoas, que caindo-lhe de noite as taipas | de suas 21
 hortas pela muita chuva, ao ama- | nhecer as acharão redusidas a campos... | E permite a 22
 policia semelhante abuso? Se | querem ter vaccas de leite, tenham embo- | ra, mas na 23
 estribaria, como practição as | Cidades civilisadas. 24

E que direi *Senhor Redactor*, da immen- | sidade de caens de fila, e d’outros inu- | teis galgos,25
 de que abunda a nossa Cidade? | Se deixamos a liberdade natural, se vive- | mos em26
 sociedade para melhor commodi- | dade e segurança individual, que seguran- | ça no meio da27
 tantas feras, que só por | uma Providencia particular devorão tu- | do. Ser-nos-ha preciso28
 andar armados para | defender-nos d’estes animaes soltos pelas | ruas? que desgraça!... || 29

Finalmente, *Senhor Redactor*, mais um | desabafo. Não podem ser mais fortes e mais |30
 positivas as ordens sobre as formigas: este | insecto o mais prejudicial aos nossos arvo-|31
 redos, a peste a mais temivel na lavoira | conserva-se no centro da Cidade como em |32
 deposito, para destruir as nossas plan- | tações e até demolirem nossas casas: e | o que é33
 mais além de muitos formiguei- | ros que ha no interior da Cidade ha um | defronte á casa da34
 Camara, e outro de- | frente á do *Escrivão!*... E não deve- | rá merecer a attenção particular35
 d’aquelles | a quem está este negocio incumbido!... 36

Oh! *Senhor Redactor*, clame contra tanto des- | leixo, tendo em vista o = *guta cavat lapi* 37
 [corroído]... | e póde ser que se acordem e se levantem | dos fôfos colchões de macia penna 38
 nossos | patricios, que tomarão sobre seus hombros | esses arduos deveres, que se tornão 39
 gostosos | quando se trabalha pelo bem e pelo aug- | mento de seu paiz. Não cessará pelo 40
 seu | lado de fazer outro tanto este que está meio. || *Desabafado* (BARBOSA; LOPES, 2006 41
 – Carta 390).

Como se pode ver, essa carta apresenta um Supertópico, que pode ser intitulado de *Problemas da cidade de São Paulo*, ao qual estão subordinados cinco Subtópicos, que podem ser intitulados de *Precariedade das ruas da cidade* (linhas 1 a 16), *Criação de gado dentro da cidade* (linhas 17 a 24), *Grande quantidade de cães perigosos soltos pelas ruas* (linhas 25 a

29), *Excesso de formigas na cidade* (linhas 30 a 36) e *Necessidade de conscientização dos cidadãos sobre os problemas da cidade* (linhas 37 a 41).

Além da predominância de cartas com apenas um tópico, é interessante notar que, em todas as cartas com mais de um tópico, há apenas dois níveis hierárquicos (um único Supertópico e dois ou mais Subtópicos subordinados a esse mesmo Supertópico) e, em termos de organicidade linear, identifica-se unicamente a estratégia da continuidade tópica; a carta em (4) acima ilustra essas características.

Esses dados sobre a organização intertópica permitem considerar que as cartas oitocentistas se caracterizam pela predominância da ausência de complexidade intertópica e pela instauração de baixa complexidade, quando esta se manifesta. Em outros termos, pode-se dizer que tais cartas se caracterizam, via de regra, pela propriedade da unicidade tópica, isto é, cada carta, normalmente, seleciona um único tópico (isto é, focaliza uma única questão) e se concentra no desenvolvimento desse tópico ao longo de toda sua extensão.

Trata-se de uma propriedade que pode contribuir para caracterizar as cartas de leitores oitocentistas, diferenciando-as de outros períodos ou de outros gêneros. Penhavel e Guerra (2015) afirmam que, no caso de editoriais oitocentistas do jornal “O Estado de S. Paulo”, na maioria das vezes, cada editorial apresenta mais de um tópico discursivo, o que, para os autores, estaria diretamente relacionado a uma característica desses editoriais que seria a meta de formular uma análise ampla e complexa do cenário político da época, que aborde diferentes aspectos envolvidos nesse cenário – daí a presença de mais de um tópico (às vezes, vários) na organização tópica desses editoriais. Assim, a unicidade tópica das cartas de leitores oitocentistas pode ser um traço significativo na caracterização do gênero nesse período.

3.2 Dados sobre a organização intratópica

Alguns trabalhos desenvolvidos no âmbito da GTI (cf. SOUZA, 2015; OLIVEIRA, 2016; GARCIA, 2018) vêm assumindo a hipótese – formulada inicialmente em Penhavel (2010) – de que os SegTs mínimos de textos de um mesmo gênero textual normalmente seguem uma mesma regra geral de estruturação interna, isto é, cada gênero textual segue um padrão de organização intratópica. Com efeito, como mostrado em 2 acima, Guerra e Penhavel (2010) apontam na direção da confirmação dessa hipótese, mostrando que as cartas de leitores de jornais paulistas oitocentistas seguem uma mesma regra geral.

Assumindo essa hipótese, pode-se considerar que o padrão de organização intratópica pode estar entre os aspectos que diferenciam um gênero textual de outro e que diferenciam, no âmbito de um dado gênero, um período histórico de outro. Partindo dessa assunção, no presente trabalho apresentamos alguns dados mais específicos sobre a regra geral de organização intratópica de cartas de leitores oitocentistas, não proporcionados em Guerra e Penhavel (2010).

Como exposto acima na seção 2, Guerra e Penhavel (2010) mostram que a regra geral de organização intratópica das cartas oitocentistas consiste no encadeamento das unidades de Abertura, Explicação, Avaliação e Interpelação, nessa ordem sequencial.⁴ Como uma especificação dessa constatação, a tabela 1 fornecida abaixo mostra as combinações que encontramos no *corpus* entre essas unidades e os respectivos percentuais de ocorrência:

⁴ Os autores reconhecem também a unidade chamada de “fechamento”, possível de ocorrer após a Interpelação. Porém, em trabalho posterior (PENHAVEL; GUERRA, 2013), os autores reformulam a regra geral de organização intratópica eliminando a unidade de Fechamento. No presente trabalho, optamos por seguir essa versão reformulada dos autores.

Tabela 1: Combinações de unidades intratópicas em cartas de leitores de jornais paulistas oitocentistas

Núm. de unidades	Tipos de unidades				Total	
	Abertura	Explicação	Avaliação	Interpelação		
1 unidade	Abertura				0%	(0 SegTs)
		Explicação			4%	(2 SegTs)
			Avaliação		2%	(1 SegT)
				Interpelação	2%	(1 SegT)
2 unidades	Abertura	Explicação			2%	(1 SegT)
	Abertura		Avaliação		0%	(0 SegTs)
	Abertura			Interpelação	0%	(0 SegTs)
		Explicação	Avaliação		20%	(10 SegTs)
		Explicação		Interpelação	6%	(3 SegTs)
			Avaliação	Interpelação	2%	(1 SegT)
3 unidades	Abertura	Explicação	Avaliação		16%	(8 SegTs)
	Abertura	Explicação		Interpelação	12%	(6 SegTs)
		Explicação	Avaliação	Interpelação	20%	(10 SegTs)
	Abertura		Avaliação	Interpelação	0%	(0 SegTs)
4 unidades	Abertura	Explicação	Avaliação	Interpelação	14%	(7 SegTs)
Total					100%	(50 SegTs)

Antes de entrar na análise das combinações, cabe destacar que nossa pesquisa confirma a constatação de Guerra e Penhavel (2010) de que os SegTs mínimos das cartas oitocentistas organizam-se internamente mediante o encadeamento das unidades de Abertura, Explicação, Avaliação e Interpelação, nessa ordem sequencial (nossa análise reforça, inclusive, a maior viabilidade de não se considerar a unidade de Fechamento, inicialmente considerada pelos autores).

Dentre o total de 54 SegTs que analisamos, 92,5% (50 SegTs) seguem essa regra (que são os SegTs computados na tabela 1). Os outros 7,5% (04 SegTs) não chegam a se encaixar exatamente na regra, porque, nesses casos, as unidades não obedecem à ordem prevista na regra. De todo modo, mesmo esse conjunto menor de SegTs “desviantes” acaba, em certo sentido, corroborando a regra, pois as unidades utilizadas nos SegTs são aquelas mesmas previstas na regra, havendo desvio apenas na ordenação. As estruturas de tais SegTs podem ser vistas, na verdade, como variações em relação ao padrão de estruturação, o que, em vez de refutá-lo, caracteriza-o justamente como regra *geral*.

Focalizando, enfim, as combinações de unidades, pode-se notar na tabela que quase todas as combinações possíveis entre as unidades da regra geral foram identificadas em nossa análise. Só não foram identificados SegTs constituídos apenas de Abertura e SegTs constituídos das combinações entre Abertura e Avaliação, entre Abertura e Interpelação e entre Abertura, Avaliação e Interpelação. Quanto ao primeiro caso, de fato parece logicamente incoerente a ocorrência de um SegT contendo apenas a Abertura, o que equivaleria a somente introduzir um tópico, mas não o desenvolver. Já as outras três combinações, embora não tenham ocorrido no material analisado, parecem potencialmente coerentes.

Guerra e Penhavel (2010), ao formularem a regra geral de organização intratópica das cartas oitocentistas, consideram a possibilidade de que um SegT contenha apenas a unidade de Explicação ou apenas a unidade de Avaliação. De fato, isso se confirma nos dados da tabela acima, a qual indica ainda a possibilidade de ocorrência de SegT contendo apenas a unidade de Interpelação. Desse modo, a regra formulada pelos autores e retomada acima

poderia ser ligeiramente revista, incluindo-se a possibilidade de construção de SegT constituído somente por Interpelação.

A análise dos dados da tabela 1 pode ser interessante para se pensar quais combinações de unidades e/ou quais unidades seriam as mais características de SegTs das cartas em pauta. A esse respeito, pode-se notar que todas as combinações que envolvem uma ou duas unidades são pouco produtivas (têm frequência muito baixa), com exceção da combinação entre Explicação e Avaliação.

A princípio, essa constatação poderia ser vista como indicativa de que haveria preferência pela construção de SegTs com combinação de três ou quatro unidades. No entanto, o fator preponderante da maior produtividade de combinações parece não ser o número de unidades combinadas (uma, duas, três ou quatro), mas, na verdade, os tipos de unidades.

É possível ver que as combinações mais produtivas são aquelas que envolvem a presença das unidades de Explicação e Avaliação (juntas, na mesma combinação). Considerando as três combinações mais produtivas, encontram-se as seguintes: Explicação-Avaliação (20%); Abertura-Explicação-Avaliação (16%); Explicação-Avaliação-Interpelação (20%). Como se vê, a combinação entre Explicação e Avaliação, que envolve só duas unidades, está entre as mais frequentes. No mesmo sentido, é interessante observar que, dentre todas as combinações que envolvem três ou quatro unidades, as menos produtivas são justamente aquelas que não apresentam Explicação e Avaliação juntas na mesma combinação, isto é, as combinações Abertura-Explicação-Interpelação (12%) e Abertura-Avaliação-Interpelação (0%).

Desse modo, parece pertinente considerar que a coocorrência das unidades de Explicação e Avaliação seria um dos aspectos mais característicos da organização intratópica das cartas em análise. Essa conclusão é corroborada pelos dados que podem ser vistos no quadro 1 abaixo, que mostra a frequência com que cada uma das unidades ocorreu no *corpus*, em relação ao total de SegTs analisados (considerando os SegTs que seguem a regra geral):

Quadro 1: Frequência de ocorrência de cada uma das unidades intratópicas

Unidades	Frequência
Abertura	44% (22 SegTs do total de 50 SegTs)
Explicação	94% (47 SegTs do total de 50 SegTs)
Avaliação	74% (37 SegTs do total de 50 SegTs)
Interpelação	56% (28 SegTs do total de 50 SegTs)

O quadro 1 acima indica, no caso da Abertura por exemplo, que, dentre 50 SegTs, em 22 (isto é, 44%) ocorre a unidade de Abertura – e assim por diante com as demais unidades. Como se pode ver, as unidades mais frequentes são as de Explicação, em primeiro lugar, e a de Avaliação, em segundo, o que corrobora a indicação da tabela 1 acima de que Explicação e Avaliação seriam, possivelmente, as unidades mais características das cartas oitocentistas.

Conforme discutimos na seção 3.3 a seguir, a finalidade sociocomunicativa das cartas oitocentistas inclui desenvolver uma argumentação sobre determinado tópico. Esse dado, de fato, é condizente com a frequência expressiva das unidades de Explicação e Avaliação, responsáveis, respectivamente, pela delimitação de um tópico e pela argumentação sobre ele.

Por outro lado, são também consideráveis as frequências das unidades de Abertura e, principalmente, Interpelação. Sendo assim, é possível que, quando comparadas com as frequências presentes em cartas de outros períodos, as frequências dessas duas unidades

também venham a ser fatos caracterizadores das cartas oitocentistas. Na seção seguinte, mostramos que o tipo de finalidade sociocomunicativa predominante nas cartas oitocentistas (que envolve o desenvolvimento de uma argumentação para sustentar uma solicitação) poderia explicar a frequência considerável da unidade de Interpelação.

3.3 Dados sobre a finalidade sociocomunicativa das cartas

Os trabalhos desenvolvidos sobre a diacronia de processos de construção textual (PHPP) assumem o pressuposto de que o funcionamento desses processos está diretamente ligado à finalidade sociocomunicativa dos gêneros textuais em que esses processos ocorrem (cf. JUBRAN, 2014). Ou seja, o funcionamento de um processo de construção textual pode variar de um gênero para outro devido a diferenças entre as finalidades de cada gênero; no mesmo sentido, considera-se que o funcionamento de um processo num dado gênero pode variar diacronicamente de acordo com alterações que ocorram no desenvolvimento histórico desse gênero e de sua finalidade sociocomunicativa. Partindo desse pressuposto, analisamos aqui alguns aspectos da finalidade das cartas em pauta que acreditamos estarem relacionados ao funcionamento do processo de organização intratópica dessas cartas.

Adotamos o conceito de gênero textual assumido na área da Linguística Textual, conforme explicado, por exemplo, em Koch (2003) e Marcuschi (2005, 2008). Marcuschi (2005, p. 22-23) sintetiza a noção de gênero do seguinte modo:

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica (...).

De acordo com essa visão, os gêneros podem ser considerados como práticas sociocomunicativas, relativamente estáveis, (re)modeladas no interior de uma comunidade linguística. Ou ainda, os gêneros podem ser definidos como tipos (espécies, famílias) de textos, relativamente estáveis (sincrônica e diacronicamente), usados em determinadas esferas de atuação sociocomunicativa, definíveis em termos de forma de composição, conteúdo temático, estilo e propósito comunicativo (finalidade sociocomunicativa).

Nesta seção, focalizamos a questão da finalidade sociocomunicativa do gênero, que constitui uma de suas principais propriedades definidoras. Marcuschi (2008) salienta que os gêneros textuais envolvem ações de ordem comunicativa com estratégias convencionais para atingir determinados objetivos. Segundo o autor, uma monografia, por exemplo, é produzida para obter uma nota, uma publicidade serve para promover a venda de um produto, uma receita culinária orienta no preparo de uma comida etc., pois cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina. A esse respeito, salienta o autor que todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá, essencialmente, pela função.

Considerando, então, as cartas de leitores de jornais paulistas oitocentistas, Guerra e Penhavel (2010) identificam que sua finalidade sociocomunicativa central seria discorrer sobre determinada situação, exposta como um problema, e reivindicar, implícita ou explicitamente, alguma ação relativamente a esse problema. De fato, esse propósito parece que pode ser visto como a finalidade geral, ou principal, das cartas. Porém, procedendo a uma análise um pouco mais específica, acreditamos que as cartas podem ser distribuídas em três tipos, considerando particularidades de sua finalidade sociocomunicativa, do seguinte modo:

- (i) cartas com a finalidade de se denunciar um problema concreto (pontual, específico) e solicitar (explícita ou implicitamente) uma solução prática para esse problema;
- (ii) cartas com a finalidade de se fazer uma sugestão prática sobre determinado assunto (não mais sobre algo denunciado pelo escrevente como sendo um problema);
- (iii) cartas com a finalidade de se emitir uma opinião sobre determinado assunto (sem fins propriamente práticos, aplicáveis a algum problema concreto).

A carta em (5) abaixo ilustra o primeiro tipo:

- (5) *Senhor Redactor.* – O anno proximo passado | tive a honra de lhe dirigir uma cartinha, | na qual perguntava como é que a Nação | dava cento e cincoenta mil reis, a um | *Senhor Proffessor* para ensinar Grammatica | Latina aos meninos do Côro, quando es- | te não dava Aula: julguei que minha tão | justa quão razoavel advertencia produzi- | ria todo o effeito desejado; porém hoje | soube que continuava no mesmo deslei- | xo, dando Aula de 15, em 15 dias; outras | vezes concedendo ainda maiores ferias, de | maneira que o pequeno estudo (que ao | meu ver, não é nem-um) dos meninos | com umas tão longas, e continuadas ferias, | ficão no mesmo estado como que nunca es- | tudassem, e no entanto a soffredora Na- | ção concorrendo com os 150:000 réis annuaes | sem que d’elles provenha-lhe o menor bem. | Parece isto abusar da bondade do publi- | co, ou àlias, julgar tão froxa a Auctorida- | de que deve velar sobre estes objectos, que | não se receie resultado algum. Espero pois | que com esta minha segunda adver- | tencia se não deixe de dar Aula nos | dias marcados por Lei (segundo eu penso) | a fim de que faça jus n’este mundo aos | 150:000 réis, e n’outro, quando Deos | for servido chamal-o ao seu Sancto Reino, | não preste contas por semelhante Empre- | go. *Senhor Redactor*, queira dar á luz de seu | interessante Farol esta verdade (segundo | dizem) que por ella responde. || *O Teimoso* (BARBOSA; LOPES, 2006 – Carta 393).

Nessa carta, o escrevente denuncia que um determinado professor não está cumprindo devidamente seu trabalho de dar aulas, embora esteja recebendo normalmente seu salário. Ainda, o escrevente diz esperar que não se deixe mais de dar aulas nos dias marcados. Assim, pode-se ver que essa carta ilustra o primeiro tipo de carta, já que manifesta ser veiculada com a finalidade de denunciar um problema concreto (o fato de o referido professor não dar aulas devidamente) e solicitar (no caso, de forma relativamente explícita) uma solução prática para o problema (a ministração regular de aulas – além do pedido de publicação da carta pelo jornal).

As cartas desse primeiro grupo, que podem ser chamadas de *cartas de denúncia*, caracterizam-se por denunciarem um problema concreto, solicitando uma solução prática para ele. O quadro 2 abaixo mostra alguns exemplos de problemas denunciados nas cartas e das respectivas soluções solicitadas pelos escreventes:

Quadro 2: Problemas e soluções presentes em algumas cartas de denúncia

Cartas	Problemas	Soluções
443	Falhas no sistema de iluminação da cidade.	O governo deve aumentar a rigidez na aplicação de multas aos responsáveis.
445	Desleixo dos fiscais da câmara municipal com a limpeza da cidade.	Os fiscais devem “voltar à ativa” ou devem ser demitidos.
446	Ausência de fiscalização pela patrulha da saída de escravos à noite.	Deve ser estabelecido que o escravo que sair à noite sem autorização de seu senhor passará a noite na cadeia.

450	Barulho provocado pela reunião de vendedores de madeira no pátio de São Francisco.	A comercialização de madeiras deve ser transferida para o Campo dos Curros.
-----	--	---

As cartas do segundo grupo, por sua vez, fazem uma sugestão prática sobre determinado assunto, mantendo, assim, relação com as do primeiro grupo, que fazem uma solicitação, mas a sugestão não se refere propriamente a um problema denunciado, ou, pelo menos, não se refere a um problema grave, como ocorre nas cartas do primeiro grupo (em que o problema denunciado é considerado bastante grave ou urgente). Em (6) abaixo, é fornecido um exemplo das cartas do segundo grupo, que podem ser denominadas de *cartas de sugestão*:

- (6) *Senhor Redactor.* – Ha tempo - se bem me | lembro - *Senhor Redactor*, que vi no seu | Farol, de cujo *Número* não estou certo, uma | correspondencia, que julgava acerto, e | util ao público o lançarem-se abaixo os | muros que bordão pela frente o Convento | que foi dos Menores Observantes n’esta | Capital; ficando naquelle lugar uma ex- | cellente praça, na qual se podia colocar | um bom chafariz - de que tanto se ne- | cessita - e até me parece que o Auctor | da correspondencia lhe parecia estár-se já | regosijando de beber da agoa do mesmo | chafariz naquella hora: Ora isto era em | tempo, que os Religiosos erão inda *Senhores* | daquella casa, e era Claustro, mas ho- | je que por Deliberação de *Sua Majestade Imperial* foi | dada para o Estabellcimento d’Academia | do Curso Juridico, melhor, que nunca | pode ter lugar a tal lembrança; acrescendo | eu a isto uma outra, que não deixará de | ser d’utilidade ao mesmo público; vindo | a ser, que aquella parte da cerca alem do cor- | rego se podia muito bem vender em | porçoes para n’ellas se edificar, e o seu | producto applicado para as despezas da mes- | ma Academia, e quando este destino não | se possa verificar, então pode muito bem | servir de um cercado para se apascentarem | os gados que vem para o córte, e alli se con- | servarem até que se matem, escusando-se | por isto de estarem dias e dias enserrados | no curral, perecendo por consequencia a | fome, e sêde, que quando vão morrer es- | tão enfeleados, da maneira, que jamais | pode ser boa a carne, mas até muito per- | necioza a quem a come. Lembrei-me d’is- | to, porque me parecêo acêrto, e se outros | o julgarem desacertado não heide questio- | nar; seja o que elles quizerem. Rogo-lhe | portanto queira fazer inserir isto mes- | mo no mesmo Farol, pelo que lhe ficará | obrigado || *Um amante das boas obras* (BARBOSA; LOPES, 2006 – Carta 394).

Como se pode notar, nessa carta o escrevente diz concordar com a ideia, veiculada em outro texto do jornal, de derrubar o muro da frente de um dado convento e construir um chafariz nesse local. Complementa ainda a ideia com a sugestão de que um terreno na mesma localidade seja vendido e que, enquanto a venda não seja feita, o terreno seja usado como pastagem para gado. Como se vê, há uma sugestão para uma situação, mas não chega a se instaurar o caráter de denúncia em que um problema é explicitamente descrito e sua solução é considerada urgente, como ocorre nas cartas do primeiro grupo.

Essa natureza mais de sugestão é evidenciada, na carta em pauta, no momento em que o escrevente diz “Lembrei-me d’is- | to, porque me parecêo acêrto, e se outros | o julgarem desacertado não heide questio- | nar; seja o que elles quizerem”. Nesse trecho, o escrevente indica que sua proposta seria mesmo apenas uma sugestão, uma ideia que lhe veio à mente (“Lembrei-me d’isto”) e que não se trata de uma solicitação de extrema necessidade (“se outros | o julgarem desacertado não heide questio- | nar; seja o que elles quizerem”).

O conjunto das cartas de sugestão compreende apenas três cartas (mais adiante, discutimos os dados quantitativos). O quadro a seguir mostra as outras duas cartas desse grupo, indicando os assuntos abordados e as respectivas sugestões feitas:

Quadro 3: Assuntos e sugestões presentes em cartas de sugestão

Cartas	Assuntos	Sugestões
439	Fonte de recursos financeiros para custear a alforria dos escravos	A fonte de recursos deve ser a Sociedade Amortizadora da Dívida Pública, e não a Assembleia
520	Construção de um mercado para a venda de verduras	Deve ser construído apenas um “coberto” para os quitandeiros.

Finalmente, as cartas do terceiro grupo parecem ser usadas pelos escreventes com a finalidade de emitir uma opinião sobre determinado assunto (ou fato), sem fins propriamente práticos aplicáveis a algum problema concreto – tais cartas podem ser chamadas de *cartas de opinião*. A carta em (7) exemplifica essa finalidade:

- (7) *Senhor Redactor.* – Pelo annuncio de des- | pedida do *Excelentíssimo Senhor* Presidente d’esta Pro- | vincia Thomaz Xavier Garcia d’Almeida, | que appareceu no Farol número 105 soube que | *Sua Excelência* se retirara d’esta Provincia para | tomar assento na Augusta Camara dos *Senhores* | Deputados. Deos leve a *Sua Excelência* em paz | e felicidade. – Mas, *Senhor Redactor*, que no- | vo estilo de despedidas é este de *Sua Excelência*? | Quiz elle por ventura despedir-se do pô- | vo inteiro da Provincia, ou só d’uma par- | te? Se era de todos, para que nomeou | *Sua Excelência* somente *as* | *peessoas que tem direito* | *a semelhante obsequio*?, e se era só de alguns | poucos eleitos, que importava | ao público | o saber se *Sua Excelência* tinha ou não tido tem- | po para se despedir dos seus amigos, ou | dos | *poucos eleitos* que o cortejavão? Não é que | eu censure a *Vossa mercê Senhor Redactor* por | inse- | rir um semelhante annuncio; bem que o | seu fim e até a sua promessa explicita foi | de illustrar | ao publico e concorrer para a | sua felicidade com doutrinas saãs e de u- | ma immediata utilidade, | todavia lá n’um | canto de sua folha bem póde fazer annun- | cios. O meu azedume é contra o estilo | con- | ciso com que *Sua Excelência* fez as suas des- | pedidas. E como póde qualquer saber se | na alta | mente de *Sua Excelência* foi ou não in- | cluído entre *as pessoas que tem direito a semelhante* | *obsequio*? como hão-de saber se este | direito se comprava com uma só visita a | *Sua Excelência*? ou | com a frequencia em sua ca- | sa? ou finalmente com testemunhas do mais | abjecto servilismo? Se ao | menos *Sua Excelência*? | tivesse especificado = todas as pessoas que | tiverem a graduação de tal posto | para cima, | e todos aquelles não militares (vulgo pai- | zanos) que rodarem com estas altas paten- | tes, | ja cada-um poderia fazer juizo, e di- | zer = Eu fui incluído = Fuão não foi = Bel- | trão seria ou não = e | nas conversações te- | ria alguns dados para agitar esta questão. | Mas assim tão genericamente, *Senhor* | *Redactor*, | é o mesmo que não querer obrigar (obligar) | a ninguem. || Quanto a mim, cuido que *Sua* | *Excelência* por | fazer pouco nos Paulistas, gente rustica, | insipida; que não deu bailes a *Sua* | *Excelência* | que não tem finura, nem as de côrte, nem | um modo de tractar, sans façou (sans fa- | cou *Monsieur*) é que recorreu ao expediente das | despedidas por annuncio: elle de certo dis- | se lá | consigo:, , Por este meio novo e desu- | sado dou uma alta idea de minha jerar- | chia, e esta gente fica | pensando, que as | despedidas d’um Presidente são materia | de interesse publico, e que a ninguem | mais | compete esta prerogativa. Mas o peor foi | que os Paulistas com toda a sua rusticidade | já forão | honrados com uma Proclamação de | despedida geral da Propria Pessoa de *Sua Majestade* | o | IMPERADOR, e por isso talvez os *poucos* | *eleitos* não fizessem todo o aprêço, | que *Sua Excelência* | esperava, das suas despedidas por | annuncio. || O mais provavel por tanto, *Senhor Redac-* | *tor*, é que | *Sua Excelência* desse este passo para | mostrar o seu desgosto e azedume contra | os Paulistas, pois ahi | corre (talvez seja falso) | que *Sua Excelência* não deseja muito voltar a esta | terra onde a balda e | mania dos habitantes | é fallar em negocios publicos, em Consti- | tuição; onde se censurão os actos | dos em- | pregados publicos por mais altos que sejam. || Mas paciencia, *Senhor Redactor*, se Deos | for | servido, que as despedidas de *Sua Excelência* | sejam por uma vez, nós submissos, como | nós cumpre | ser ás vontades do Altissimo, | diremos em nossos corações = faça-se a vos- | sa sancta vontade = | *Amen.* (BARBOSA; LOPES, 2006 – Carta 391).

Como se pode ver, essa carta não denuncia um problema e pede uma solução (como as cartas de denúncia), nem faz uma sugestão sobre determinado assunto (como as cartas de

sugestão). Na verdade, nessa carta o escrevente expõe um fato que considera relevante (no caso, a publicação, no jornal, de uma despedida do presidente da província) e discorre sobre esse fato, opina a respeito dessa questão (considerando, dentre outras opiniões, que o presidente da província teria escrito a referida despedida para “mostrar o seu desgosto e azedume contra os Paulistas”).

O quadro 4 abaixo, similar aos dois quadros anteriores, descreve algumas das cartas de opinião, mostrando seus assuntos e as respectivas opiniões defendidas pelos escreventes, como uma forma de destacar que, nessas cartas, diante dos assuntos (ou fatos) colocados, o foco dos escreventes não é fazer solicitações ou sugestões, mas emitir suas opiniões:

Quadro 4: Assuntos e opiniões presentes em algumas cartas de opinião

Cartas	Assuntos	Opiniões
458	Qualidade de determinado cidadão como orador.	O referido cidadão é um bom orador.
467	Apreciação feita por um brasileiro, em outro texto do jornal, sobre os estrangeiros no Brasil.	A apreciação não diferencia os amigos do Brasil dos inimigos.
522	Críticas feitas, em outro texto do jornal, a um determinado cidadão.	As críticas são verdadeiras calúnias, não passando de intrigas.

Nas cartas de opinião, a finalidade sociocomunicativa deixa de ser a tentativa de resolver um problema ou alterar uma situação, passando a ser o compartilhamento de uma opinião ou a tentativa de mudar a opinião de quem escreveu o texto inicial com o qual a carta dialoga e/ou de mudar a opinião dos leitores em geral.

Esses três tipos de cartas parecem relacionar-se entre si dentro de um contínuo. É possível reconhecer que os três tipos manifestam um caráter argumentativo. Porém, seria possível situar, num polo de um contínuo, as cartas de denúncia, em que haveria uma argumentação sobre um dado problema, para se defender que se trata de um problema grave e para, a partir disso, alcançar-se uma solução para esse problema. Num outro polo, seria possível situar as cartas de opinião, em que haveria uma argumentação não propriamente para se alcançar algo prático, mas para o escrevente se inserir no debate público, sobre questões que considera interessantes.

Seria até possível pensar que as cartas de opinião teriam a finalidade de promover alguma mudança, mas, como mencionado, a finalidade seria mudar a *opinião* de outros leitores, não propriamente mudar uma situação específica, ao passo que as cartas de denúncia seriam usadas pelos escreventes como meio de se conseguir mudar alguma situação concreta. É, inclusive, interessante o fato de que, normalmente, as cartas de opinião são respostas a textos escritos no próprio jornal (respostas a opiniões veiculadas em outros textos publicados), enquanto as cartas de denúncia, em geral, reportam fatos externos.

Entre esses dois polos, poderiam ser incluídas as cartas de sugestão. Essas cartas guardariam certa semelhança com as de denúncia, por fazerem uma *sugestão de realização de uma ação* (sobre determinado assunto), a exemplo das cartas de denúncia, que também *solicitam uma ação* (no caso, para a solução de um problema). Por outro lado, as cartas de sugestão não abordam um problema propriamente concreto, ficando mais no domínio da *sugestão*, da *emissão de opinião*. Assim, aproximam-se das cartas de opinião, caracterizadas pelo *teor primordialmente opinativo*. Desse modo, parece que as cartas de sugestão seriam intermediárias entre os outros dois tipos.

O resultado do levantamento da frequência de ocorrência de cada um desses três tipos de cartas encontra-se no quadro 5 abaixo:

Quadro 5: Frequências de ocorrências dos diferentes tipos de cartas

Cartas	Frequências	
Cartas de denúncia	65,5%	(30 cartas)
Cartas de sugestão	6,5%	(03 cartas)
Cartas de opinião	15,0%	(07 cartas)
Outros tipos diversos de cartas	13,0%	(06 cartas)
Total	100%	(46 cartas)

O quadro 5 indica que, dentre as cartas de leitores oitocentistas, predominam, com maioria expressiva (65% dos casos analisados), cartas de denúncia, isto é, cartas utilizadas pelos escreventes com a finalidade de denunciar um problema e solicitar uma solução para esse problema. Trata-se de um dado, a nosso ver, bastante significativo de caracterização das cartas de leitores em análise, indicador da finalidade sociocomunicativa predominante dessas cartas.

Esse dado é especialmente particularizador das cartas oitocentistas quando essas são confrontadas com cartas atuais, tendo em vista dados apresentados em Oliveira (2016), segundo a qual, no caso de leitores de jornais paulistas atuais haveria baixa incidência de cartas correspondentes as que tratamos como cartas de denúncia e alta predominância de cartas de opinião. A esse respeito, numa eventual comparação diacrônica entre cartas oitocentistas e cartas atuais uma análise fundamental seria explicar fatores envolvidos nessas mudanças de percentuais.

Acreditamos também que conclusões interessantes possam ser depreendidas a partir do cruzamento dos dados do quadro 5 com dados do quadro 1 da seção 3.2 acima, isto é, o cruzamento entre os tipos de cartas e as unidades de organização intratópica presentes nas cartas. Como mostramos na seção anterior, predominam, nas cartas analisadas, as unidades intratópicas de Explicação e Avaliação (presentes, respectivamente, em 94% e 74% dos SegTs), o que é, de fato, condizente com os tipos de cartas, já que os três tipos, de alguma forma, delimitam um tópico e argumentam sobre ele. No entanto, apesar da predominância das unidades de Explicação e Avaliação, é também expressivo o percentual de ocorrência da unidade de Interpelação (56% dos SegTs contêm essa unidade).

Nossa hipótese a esse respeito é que a alta frequência da unidade de Interpelação esteja relacionada à alta frequência de cartas de denúncia. Como essas cartas têm a finalidade de fazer uma solicitação, é bem provável que isso motive a construção da unidade de Interpelação, explicando o percentual acentuado dessa unidade. Tratar-se-ia de uma situação diferente do que ocorre, por exemplo, em cartas paulistas atuais, as quais, segundo Oliveira (2016), apresentariam, com maior frequência, a finalidade típica das cartas de opinião e, possivelmente por isso, baixa incidência da unidade de Interpelação.

Conclusão

No presente trabalho, desenvolvido no âmbito do PHPP, procuramos apresentar e discutir dados específicos sobre a organização tópica de cartas de leitores de jornais paulistas

do século XIX, de modo a especificar a análise inicial dessas cartas desenvolvida em Guerra e Penhavel (2010). Discutimos a organização intertópica, a organização intratópica e as finalidades sociocomunicativas dessas cartas.

Sobre a organização intertópica, apresentamos dados que permitem identificar que uma característica dessas cartas seria a unicidade tópica, isto é, nessas cartas, de modo geral, o escrevente seleciona uma questão (um único tópico) e focaliza o desenvolvimento dessa mesma questão no decorrer de todo o texto.

Quanto à organização intratópica, nossos dados corroboram a existência, nas cartas em pauta, da regra geral de estruturação intratópica identificada em Guerra e Penhavel (2010), permitindo a identificação de uma alternativa não prevista pelos autores, que seria a possibilidade de construção de SegTs mínimos constituídos apenas da unidade de Interpelação. Os dados sobre as combinações de unidades e sobre a frequência de cada unidade indicam que as unidades de Explicação e Avaliação seriam, a princípio, as principais unidades caracterizadoras das cartas, embora também sugiram que a unidade de Interpelação, conforme nossa hipótese, possa ser uma marca importante na caracterização das cartas oitocentistas.

Quanto às finalidades sociocomunicativas das cartas, verificamos que podem ser distinguidas três finalidades específicas: (i) denunciar um problema concreto e solicitar uma solução prática para esse problema; (ii) fazer uma sugestão prática sobre determinado assunto; (iii) emitir uma opinião sobre determinado assunto. Trata-se de propósitos comunicativos que, a nosso ver, podem ser resumidos numa finalidade geral caracterizadora das cartas de leitores em foco, que poderia ser sintetizada como a finalidade de se argumentar em defesa de determinado ponto de vista, com a possibilidade de se fazer uma solicitação ou uma sugestão sobre o tópico abordado.

Conforme mostramos, predominam nas cartas analisadas a primeira das três finalidades específicas. De acordo com a hipótese aventada acima, a predominância dessa finalidade poderia explicar a frequência expressiva de ocorrência da unidade de Interpelação, na estruturação intratópica, o que seria uma diferença significativa das cartas oitocentistas em relação a cartas mais recentes, em que a unidade de Interpelação aparentemente seria menos frequente.

Esperamos que as constatações aqui sistematizadas possam contribuir para um entendimento melhor da organização tópica de cartas de leitores de jornais paulistas do século XIX e que possam ser úteis para a continuação de trabalhos sobre a diacronia de processos de construção textual. Acreditamos que a comparação de cartas de outros séculos com as cartas aqui analisadas possa tornar mais evidente o que nossos dados estão de fato dizendo sobre as próprias cartas oitocentistas e possibilite, enfim, a apreensão de generalizações significativas sobre a diacronia do processo de organização tópica.

Textual linguistic units and sociocommunicative functions in readers' letters printed in newspapers of the state of São Paulo in the 19th century

Abstract: In this paper, within Textual-Interactive Grammar, we analyze the topic organization of readers' letters printed in newspapers of the state of São Paulo in the 19th century, focusing on the intra and intertopic levels, as well as the communicative purposes of these letters. We offer evidences that support previous studies according to which these letters predict four intratopic units, namely, Opening, Explanation, Evaluation and Interpellation. In addition, we present quantitative data regarding the occurrence of these units and show that the intertopic level is characterized by intertopic unicity. We also propose that three different types of communicative purposes can be recognized: expression of opinion; suggestion of action; request for problem resolution.

Keywords: Topic organization; Processes of textual construction; Readers' letters.

Referências

BARBOSA, A.; LOPES, C. (orgs.). *Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do séc. XIX: cartas de leitores e cartas de redatores*. 1. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas; FAPERJ, 2006.

CASTILHO, A. T. (org.) *Para a história do português brasileiro*. v.1. Primeiras ideias. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 1998.

GARCIA, A. G. *Estudo do processo de organização tópica em editoriais de jornais paulistas do século XXI*. 2018. 277f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2018.

GUERRA, A. R. *Unidades textuais em cartas de leitores de jornais paulistas do século XIX*. 2016. Qualificação Especial (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2016 (trabalho não enviado para publicação).

GUERRA, A. R.; PENHAVEL, E. O processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos em cartas de leitores de jornais paulistas do século XIX. *Confluência* (Rio de Janeiro), v. 37-38, p. 137-161, 2010.

JUBRAN, C. C. A. S. Processos de construção textual: uma abordagem diacrônica. In: ALMEIDA, M. M. S. Projeto de História do Português Paulista – Relatório de pesquisa apresentado à FAPESP (Processo: 11/51787-5). UNESP, São José do Rio Preto, 2014.

_____. Projeto de História do Português Paulista. Projeto Temático FAPESP (Processo: 11/51787-5). UNESP, São José do Rio Preto, 2012.

_____. Uma gramática textual de orientação interacional. In: CASTILHO, A. T.; MORAIS, M. A. T.; LOPES, R. E. V.; CYRINO, S. M. (orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas; São Paulo: Pontes; FAPESP, 2007. p. 313-327.

_____. Tópico Discursivo. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil* – v. I: Construção do texto falado. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 89-132.

JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil* – v. I: Construção do texto falado. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONIZIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais & ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.19-36.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OLIVEIRA, G. A. *Estudo do processo de estruturação interna de Segmentos Tópicos Mínimos em cartas de leitores de jornais paulistas do século XXI*. 2016. 194f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2016.

PENHAVEL, E. *Marcadores Discursivos e Articulação Tópica*. 2010. 168f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

PENHAVEL, E.; GUERRA, A. R. Estudo do processo de Articulação Tópica em diferentes gêneros textuais na história do português paulista. In: III SEMINÁRIO DO PROJETO DE HISTÓRIA DO PORTUGUÊS PAULISTA, 2013, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

_____. Estudo do processo de Organização Tópica em diferentes gêneros textuais na história do português paulista. In: ALMEIDA, M. M. S. Projeto de História do Português Paulista – Relatório de Pesquisa apresentado à FAPESP (Processo: 11/51787-5). UNESP, São José do Rio Preto, 2015.

SOUZA, A. D. Uma análise textual-interativa do processo de estruturação de segmentos tópicos mínimos em mini-sagas narrativas. In: SOUZA, E. R. F. (Org.). *Estudos de descrição funcionalista: objetos e abordagens*. München: Lincom-Europa, 2015, p. 138-148.

Data de submissão: 23/09/2019

Data de aceite: 21/11/2019